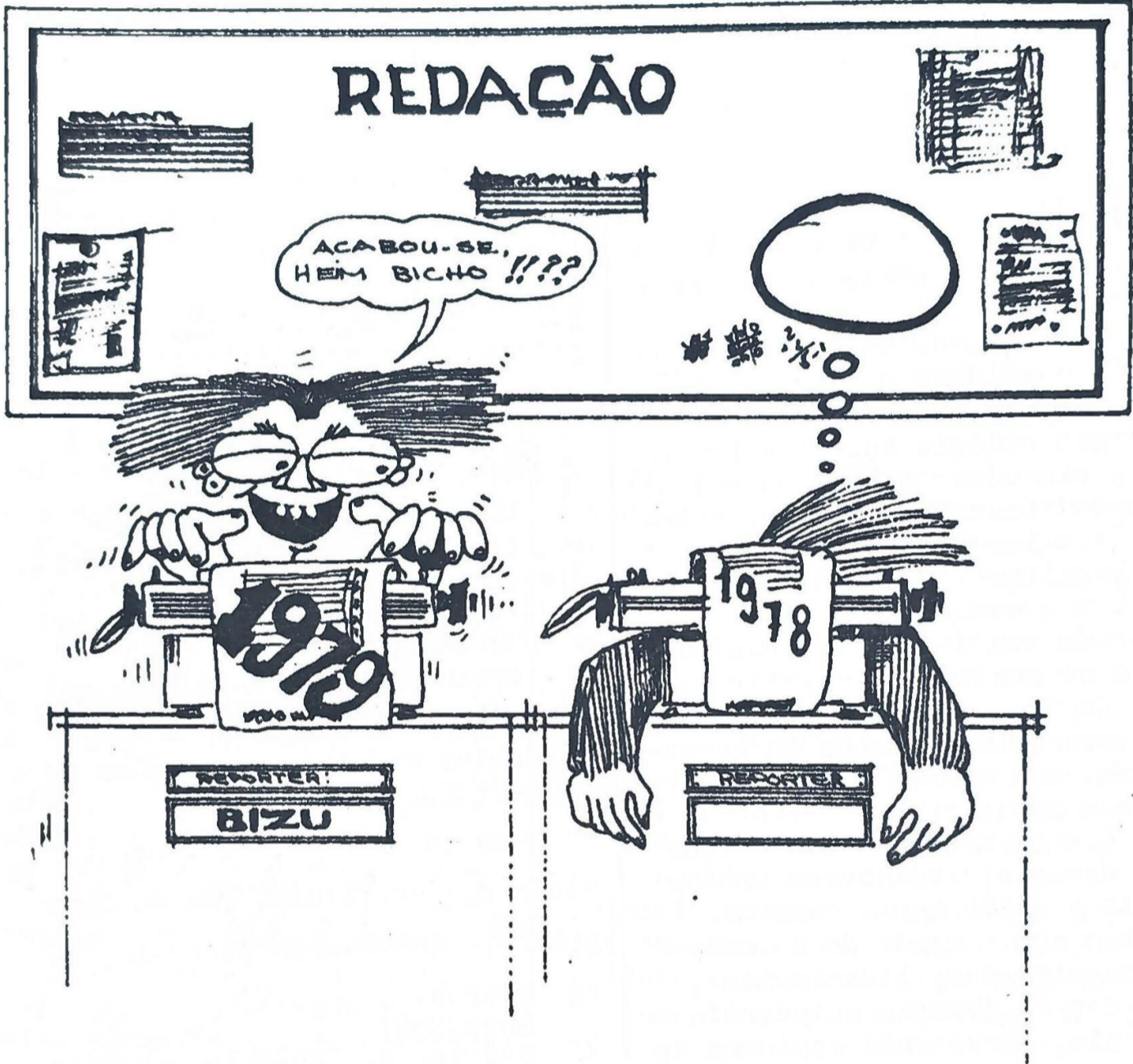
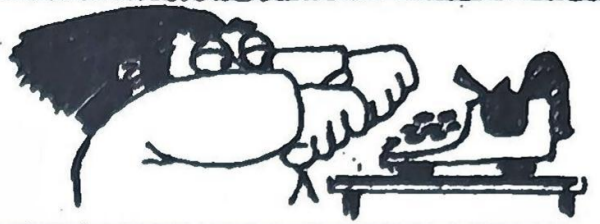


PAUSA.

BRASÍLIA, ANO I - Nº 03. JANEIRO DE 79



EMENDE E ACRESCENTE QUEM SOUBER,
E APRENDA QUEM NÃO SOUBER,
E TODOS DÊEM GLÓRIA AO SENHOR.

FELIPE NUNES

EDITORIAL

"Outrora as lutas se travaram entre exércitos hoje, as lutas mais renhidas ocorrem no entre-choque de idéias".

Fazer um jornal é muito fácil, mas fazer bem e ter uma boa aceitação, aí é onde se torna difícil; um desafio para muitos que tentam levar esse ideal em frente. E nós pretendemos levar o nosso.

Já nos preocupamos em melhorar a qualidade no segundo número; aumentamos as páginas e sua tiragem atingiu duzentos exemplares, cinquenta a mais em relação ao "Pausa" número um. Sabemos que isso não é muito, mas já significa alguma coisa, pois contamos com a ajuda de pessoas capazes que demonstram boa vontade no sentido de colaborar.

No "Pausa" número dois, o nosso jornalzinho ganhou um personagem; seu nome é BIZU: um garoto que gosta de dar o recado e ele é capa neste número - seus criadores são os jovens irmãos Paulo e Aeldo Luna. Contamos também com a ajuda de um amigo e incentivador, Aldemir Luna, criador de jornais estudantis em ginásio, juntamente com seus ir

mãos e amigos.

Nossa equipe - diretor, redatores, revisor e demais colaboradores - está prometendo muito mais daqui para frente.

Agradecemos de todo o coração aqueles que colaboram, mesmo com um simples elogio ou críticas. Cada vez mais pedimos a sua ajuda no sentido de melhorarmos. - Olímpio C. Júnior. -----

C A R T A

Sr. Diretor:

Li, gostei e confesso. Somente a fé, a coragem e a dedicação poderiam justificar e gratificar o trabalho da equipe o "Pausa".(...)

Brilhante a idéia. As coisas pequenas são princípios básicos das grandes realizações do homem. (...)

Que a informação chegue até nós, destituída de qualquer paixão, interesses pessoais ou de grupos.

SUCESSOS!

Edésio G. Cordeiro - BSB/DF.

PAUSA - EXPEDIENTE - PAUSA

A N O I - Nº 3 - BRASÍLIA, DF - JANEIRO - 1979

<u>Diretor Geral</u>	<u>Redação</u>	<u>Capa</u>	<u>Colaboradores</u>
Eider Moraes	Aldemir Luna	Paulo Luna	Antonio Vieira,
<u>Editor Geral</u>	Gilson Pacheco	e	Edésio Cordeiro,
Olímpio C. Júnior	<u>Revisão</u>	Aeldo Luna	Fernando Braga,
	Hermes Pereira		Gusjajara Uchoa,
			Olímpio Cruz,
			Sebastião Artur,
			Sousa Neto.---

ENDEREÇO

C. E. 04 - Conj. "E" Casa - 65 - Guarará - I

TELEFONES: 568 1700 e 568 0269

BARRA DO CORDA, UMA RAPSÓDIA DE AMOR

Parte - 03

Olimpio Cruz

Seguido por seus companheiros entre os quais, um dedicado escravo, e o sertanejo Lázaro Teixeira, perito batador e conhecedor de alguns dialetos indígenas, principalmente o guajajara e o Canela, sem esmorecer no entanto, prossegue, hoje fazendo a sesta sob a sombra de uma secular sapucaia, amanhã, dormindo de rede atada sobre o alto galho de um frondoso ipê, de onde de melhor poderia orientar-se pelas principais estrelas, inclusive as do Cruzeiro do Sul.

Dessa vez chegou a alcançar o ribeirão denominado "Pórcos", onde mandou fazer uma cabana, na qual senorou-se alguns meses enquanto poderia fazer um ligeiro levantamento do terreno; daí continuando sempre a acompanhar o curso das águas. Depois de ter viajado algumas léguas, atraído pelo ronco da chamada Cachoeira Grande do rio Corda, denominada pelos índios guajajaras de "Iriapohu" ou Itacuihau", cujo primeiro nome significa água que corre com força, e o segundo de rede de pedra, veio até a confluência do rio Corda com o Meirim, onde fez construir o seu primeiro barracão, bem no local é atualmente o Mercado Público, defronte ao conhecido e antigo porto da Sapucaia.

Quase oito meses já haviam decorridos, visto que Dona Hermínia não tivera nenhuma notícia sua, resolveu convidar o seu amigo e compadre Sebastião Aguiar, alguns amigos e parentes e mais um seu escravo Antônio Mulato, a fim de seguirem atrás daquele sertanista, ou pelo menos, a procura de notícias que atribuissem-lhe morto. E, assim, se-

seguiram caminhando pelas picadas ou batidas deixadas por Uchoa e seus homens, em cuja viagem chegaram à fazenda de Dona Felicidade, no lugar denominado "Consolação", por onde Uchoa e sua comitiva já haviam passado meses atrás; acotecendo que aí, devido o adiantado estado de gravidez de Dona Hermínia, o seu compadre Sebastião Aguiar, achou de bom alvitre, demorarem-se ali, onde dois dias depois, aquela corajosa mulher dera à luz a uma robusta criança do sexo feminino, que mais tarde receberia na pia batismal, o nome Altina Teresa.

Demorando-se ali somente o tempo necessário, enquanto mãe e filha pudessem enfrentar as intempéries da viagem, o sertanejo Sebastião Aguiar, ordenou que seguissem, tendo dessa vez, poucos dias depois, alcançado o ribeirão "Pórcos", onde avistaram logo à frente uma chopana, a mesma chopana em que Melo Uchoa estivera alguns meses antes. Contudo, grande foi a tristeza de Dona Hermínia, ao ver que a cabana estava em completo abandono, e principalmente quando um índio que por ali passava, interrogado a respeito de alguma notícia de Melo Uchoa, disse em mau português: "Chô morreu lua ainda bem picuinim". Mais, sendo Sebastião Aguiar um homem de muita prudência e comprovada experiência, logo desconfiou daquele índio, encorajando Dona Hermínia: "tenha coragem e fé em Deus, minha comadre! Este índio está mentindo! Vou mandar Antonio Mulato seguir o rastro dele até ver aonde o compadre Uchoa se encontra". **CONTINUAREMOS NOS PRÓXIMOS NÚMEROS. "COLABORE COM O NOSSO JORNAL".**

O TOQUE

O nosso jornal convida todos os colaboradores, leitores e demais participantes, para uma reunião que se realizará no dia 03 de fevereiro às 20 horas na sede de sua redação que ficanes te endereço — QE-04; Conj. "E" Casa 65-Guará-I — queremos opnões, sugestões, enfin um debate. Contaremos com sua presença e até lá.

Olímpio C. Júnior

=====

No dia 31/12/78 foi realizado em uma fazenda próximo à Brasília uma reunião da colônia maranhense. Na oportunidade um número considerável de conterrâneos se fizeram presentes.

Eider A. Morais

=====

Pedimos aos nossos caros leitores que façam sugestões e críticas, e que estas sejam enviadas por cartas, telefonemas ou pessoalmente para a redação do nosso jornal. Endereço—QE-4 Conjunto "E"; Casa-65; Guará-I; CEP-71.000; Telefone-568-1700; Brasília-DF.

Olímpio C. Júnior

=====

O nosso repórter BIZU, avisa desde já, aos nossos queridos leitores, que não o procure na semana de carnaval, pois estará no Hawai, precisamente em Honolulu aproveitando o recesso nas lindas praias do pacífico, em companhia das mais belas jovens.

=====Eider A. Morais=====

BRASÍLIA

Milhares de mãos, diversas na origem, porém com o mesmo ideal, uniram-se em torno do teu seio virgen para realizar um sonho. Sonho esse de tantas facetas como as têm os teus límpidos cristais. Era a esperança de florescer, crescer, produzir aqui no planalto. E te erguiram a princípio ténida, agora, tal e qual um turbilhão, dia após dia te agigantas sob a égide da evolução. Em todos os sentidos ganhas adeptos, granjeias a confiança dos que ti esperam as fartas colheitas do labor e do esforço quotidiano.

Não obstante, sentimos tua tristeza estampar-se no pendão albiverde — sentinela silente da tua dor — a balouçar-se vigilante ao capricho das frígidas rajadas dos ventos do carrasco goiano. Mas não te amofines com tão pouco. Os teus genuínos filhos estão na iminência de amadurecerem e em ti, criarem uma nova raça: os "Brasília". Aquelea que saberão como tratar-te, como amar-te e como viver contigo, defendendo-te, porque já nascerão sob o raio astralóide que prenuncia um novo tempo, a nova era que se aproxima, e cobrir-te-ão de glórias, conduzir tua imagem e tua voz aos quatro cantos do Brasil, e já então, nenhum aventureiro blasfemará contra ti, considerando-te um degredo como agora é feito, ó pátria querida, Brasília de todos nós, nós que vivemos sob a brilhantíssima egrégora da estrela que és.. (Francisco Joaquim de S. Neto)

"PAUSA" - UM JORNAL QUE NÃO SE DELICIA COM ELOGIOS E NEM SE MARGOA, COM AS CRÍTICAS. PARTICIPE

ADEUS A PEDRO BRAGA FILHO

Fernando Braga

Como Aladin, o jovem ingênuo, filho privilegiado do destino, que conseguiu a lâmpada 'maravilhosa de Mureddin, o pensador sombrio e céptico, ou como Nikos Kazantzakis, irmão gêmeo de Dostoiévski, e como ele atormentado pelo fadário grandioso e ao mesmo tempo trágico do homem, por uma legenda efêmera entre duas escuridões, o nascimento e a morte, agora chegou, meu querido tio e companheiro, para dizer-te, parafraseando o que 'marca a eternização do imortal' criador de "O Zorba", gravada no silêncio do seu último estar psíquico e imaterial: "Não esperas te nada de nada. Não tiveste medo de nada. Foste livre!"

A marca do tempo, a interpretação de tua época, marcaram a receptividade da problemática social em que viveste, somando com isso, a mensagem que te trouxe e que, em respeito ao preceito de Mendel, a mim cabe com seriedade remover e aperfeiçoar as formas que de ti herdei, enfrentando o amor e a morte, o tempo e a eternidade, se positivamente numa ascendência de eficácia estética e responsabilidade artística.

O que realizaste, meu velho tio, para quantos sabem, no conceito das esferas silenciosas, fora na exaltação em defesa dos valores, na concepção de que na arte ou na ciência, só tem importância os que criam almas. E assim fizeste com a liberdade do teu espírito superior, apegado a doutrina luminar de Kretschmer, de que não adianta quando se quer dar verdade à expressão "cortar-lhe as asas porque a alma voa", como escrevera o genial autor de "A Velhice do Padre Eterno".

É pouco, bem sei, o que te escrevo, para numa achega qualquer de identificação, possibilitar-me continuar as muitas lições que me deste, como se eu fora um príncipe de algum chuvoso silêncio, canção que te dediquei em horas em que os anjos pensam. Mas aqui estou, meu velho tio, não pela perpetuação da consciência histórica da tua posteridade, não pelo valor da glorificação que se diz o mais alto bem da vida, que na genialidade de Lord Byron, é uma coroa ou uma vergonha, não pela predição lírica da beleza e na intuição divinatória do futuro e na compreensão humana do presente. Entretanto, como Homero, na epopéia maior da Hélade, presenciaste lutas de homens contra deuses, em defesa dos que amam e vaticínio dos que odeiam, mas soubeste, como quem perdeu todas as cousas de ontem, não amaldiçoar os deuses para que deles não te fosse dada a crítica que resvala os mortais, mas interrogaste como a Esfinge a Édipo, para depois e por muitas vezes o teu grito se estilhaçar por entre as bombardas nos combates.

Exaltando a ebridade dialética da ilusória realidade oculta dentro das idéias, pelo nominalismo da imaginação e pela aventura da complexidade da vida, foste como diz Thomaz Mann, "um artesão em marcha para a morte", sem te faltar, para tanto, engenho e arte, te fazendo individual como o puro matizado pela tua concepção ao amor e à beleza, essas duas razões de ser enquanto se existe. E assentávamos à beira dos rios da Babilônia para chorarmos juntos a saudade de Sião. Quantas vezes! Eu te vi ante o leito de uma criança enferma, na obediência maior do teu apóstolo médico, eu te vi na tribuna, onde por tantas vezes defen-

PAUSA

cont. pág. 05

deste os que te fizeram repre-
sentar, eu te vi lírico e ro-
mântico como Verlaine e Rim-
baud, em sagas de horas tar-
des. E tudo desapareceu com
a morte que te fez cerrar os
olhos e estrangular-te o to-
do essencial.

Não poderia fugir, não
tentei, meu velho e querido
tio, deixar de te escrever,
para que me ouças onde esti-
veres e para que recebas a
minha saudade como o salmo de
Balada do Exilado, tão terrí-
vel, e a lembrança mais doí-
da que a mim te transcende, não
obstante as flores que te fi-
zeram e para sempre adorneci-
do ao som de bênçãos.

Eu sou, meu velho tio, o
Fernando, aquele mesmo meni-
no que tanto socorreste em
noites de alta febre. Eu sou
o Fernando, aquele mesmo poe-
ta que tanto ouviste e a quem
tanto ensinaste. Eu sou aque-
le mesmo "ser batido e con-
traditório, a quem não reco-
nhecerias, tão mudado ficou"
desde que viste pela última
vez — Eu sou o mesmo Fernan-
do, o teu querido filho e so-
brinho — um homem acabado,
mas um homem assim mesmo. "Pe-
dro Braga Filho, "Ad Eternum"

FALECIMENTOS

- Clóvis Loureiro faleceu em
Brasília, dia 08 de janeiro
de 1979, eletrocutado. Era
funcionário da Aeronáutica.
deixa esposa e cinco filhos.

- Pedro Braga Filho faleceu
faleceu dia 29 de dezembro
de 1978, em São Luís. Prosa-
dor, político, orador e poe-
ta, deixa uma grande lacuna
na sociedade maranhense. ==

À MEMÓRIA DE PEDRO BRAGA FILHO

(para o poeta Fernando Braga)

Sabiá da pátria, / de longe o
chamará saudoso e neigo, / sem
que ele venha repetir-lhe o
canto: / Morto é morto o cantor
dos meus guerreiros, / Virgens
da mata suspirai comigo! (Ma-
chado de Assis)

Ferido o sabiá sacode as penas
e voa sobre as altas cordilheiras,
numa ânsia de avistar logo as palmeiras
e o piscar dos faróis da velha Atenas.

Junipará, essa ilha das morenas
e fofas sereias feiticeiras,
recebe o filho seu nas derradeiras
horas de vida e de amargura, plenas...

Não morre um sabiá longe do ninho,
quando magoado, vai buscar sozinho
no seu "país de infância", o mesmo trilho.

Fizera assim, o prosador, o esteta,
político, orador e bom poeta
que foi na vida - Pedro Braga Filho.

Olímpio Cruz

XX
XX

O M O R T O

O morto vai levado
sem ter noção dos vivos
que andam chorando à toa.
E o morto nem sabe que a vida,
às vezes, morta é boa.

O morto não ri nem chora.
Já nem sabe falar.
Os vivos caminham no tempo,
na vida sofrida.

O morto não sofre,
o morto não sente.
Cultiva sua vida:
dorme.

Francisco Tribuzi

XX

ENTRE NESSE EMBALO

Gilson Pacheco

A revolta pelo mundo, a fal-
ta de diálogo, as injustiças so-
ciais, o homem cada vez mais vai
tornando-se uma máquina, movida
pela ambição desenfreada, levan-
do a juventude que acredita na
paz e no amor, a usar como vál-
vula de escape vários meios pa-
ra protestar contra atos de tão
baixo calão.

Mas, não como os nossos an-
cestrais nefelibatas dos idos
românticos que com suas mentes
esvoaçadoras usavam como meio de
fuga, a idealização de mundos i-
maginários e para o mesmo se te-
letransportavam, lugar esse, on-
de tudo era belo e maravilhoso,
pois nele havia lugar para o a-
mor, a fraternidade e o respei-
to mútuo.

Só a partir do fim da déca-
da de 50, os jovens vieram pro-
testar com veemência, usando pa-
ra isso, atos lícitos e ilícitos
sobre a alienação que estão cau-
sando à humanidade. Deixaram-se
us cabelos e suas barbas crece-
rem, com roupas de couro sujas
e até rasgadas, aderiram à vida
campestre, o amor pela natureza,
idéias inovadoras no agir e pen-
sar, o tóxico como desligamento
ao mundo em que viviam, e na mú-
sica sua identificação.

Tiveram a música, como seu
principal trunfo, pois era de
fácil penetração na sociedade e,
na sua letra de protesto e rit-
mo alucinante, traduziam seus i-
deais. E dela fizeram seu canto
de guerra, contra a materializa-
ção da humanidade. Como prova
disto, vimos que seus principais
líderes eram compositores, que
com suas músicas loucas assom-
braram o mundo — Bob Dylan, EL
vis Presley, Jimmy Hendrix, The
Beatles, The Rolling Stones e

exceção para James Dean, que era
ator.

Entretanto, graças à mente
inescrupulosa de capitalistas que
viram no movimento jovem, de Paz
e Amor, uma fonte de grandes lu-
cros comerciais, passaram a usar
os gritos de pureza dos jovens,
em benefício de suas indústrias
e conseqüentemente em fonte de
lucro da sociedade. Passaram a
industrializar, tudo com que os
jovens se identificavam (roupas,
discos, drogas, etc.).

Apenas na juventude ainda
encontramos amor, mas já não é a
aquele sentimento puro de outrora
e, passamos da ofensiva a reta-
guarda ou seja, a evitar essa ma-
terialização e continuar a procu-
rar algo que nos faça ficar bem
conosco. E nos identificamos nu-
ma discoteque, que com seu em-
balo leve e muito louco, suas lu-
zes coloridas, raios laser, es-
tromoscópios, globos de espelhos
e um ambiente alegre e fraternal,
nos fazem esquecer as injustiças
lá fora. Pois, dançando nos li-
bertamos; amando somos amados;
compreendendo somos compreendidos.
Entre você, também nesse embalo
e liberte-se da máquina que você
está se tornando.

=====

ESTÓRIA DO PEDRO MALASARTE - (CONTINUAÇÃO DO ALMANAQUE DO PENSAMENTO. - "II")

=====

Pedro estava preso dentro de
uma garrafa e gritava desespera-
do: "Quem me soltar, casa com a
filha do rei". Um moço ia passan-
do e ouviu: "Opa! Casar com a fi-
lha do rei!" Soltou o Pedro e o
Pedro ia indo muito lampeiro en-
bora quando ele segurou o safado
pela roupa.

- Não é só Deus lhe pague,
não. Eu soltei você; agora quero
casar com a filha do rei.

- Pois vá casar com a filha
do rei. Eu tenho alguma coisa com
isso? =====

UM QUADRO NÃO MUITO ALENTADOR

Toda a história do homem, nos períodos marcantes de decisões, para aperfeiçoamento dos sistemas políticos, ou esquemas de vida em sociedade, está pontilhada de violência. Chega-se até a pensar que a civilização contemporânea tenha sido construída, alicerçada, à base da irracionalidade e da ignorância.

O desenvolvimento social não anda de mãos dadas com o desenvolvimento tecnológico numa época em que as comunicações alcançam um máximo de facilidade e rapidez. Um exemplo claro: enquanto um veículo norte-americano anda com homens sobre a superfície da lua, na Terra ainda se morre de fome.

A luta pela sobrevivência, sempre fez com que, não só os animais das classes inferiores, como também o homem, se destruíssem mutuamente para ter um lugar ao sol. Isso não significa que a agressão seja coisa inata no homem; quando não um mal necessário pelo menos fator decorrente de meio e sociedade.

Em quase tudo que se faz, e que se vê, presentemente, há um desrespeito geral pelas pessoas, um "pouco caso" por aquilo que se diz de amor e entendimento.

Nas cidades grandes, à medida que aumenta a população, aumenta a criminalidade; as vítimas do trânsito; as nações mais desenvolvidas disputam um acúmulo maior de poder bélico, aumentando a cada ano o "orçamento militar" e a sofisticação das armas; ainda se briga para delimitar fronteiras e assim por diante.

Há vinte e um anos do século vinte um. Esse quadro da "civilização do átomo" e viagens interplanetárias, não parece muito alentador, mesmo assim, é necessário lutar por melhores dias, por

mais igualdade entre as pessoas por mais respeito. Basta que cada um faça a sua parte, tentando melhorar a cada dia. (Hermes).===



MEU VIAJAR

Não estou parado
nunca estive
eu sou o tempo
sou o que penso.
Não estou sozinho
nunca estive
estou aí com você
estou aqui redescobrando o sol.
Não estou em nenhum caminho
meu caminho é a eternidade,
e isso deve ter começado
há muito tempo
estou desfilando por esses
espaços
junto com a terra, o mar, a
morte...
estou indo num louco viajar
nem sei se sou feliz
mas isso não importa
(gosto do seu sorriso)
é preciso navegar...

Aldemir Luna



NOTA:

As colaborações recebidas dos nossos leitores, e que não foram publicadas a falta de espaços — prometemos à publicação nos próximos números — como esperamos dos mesmos à constante colaboração e, esperamos, também, de outros, contribuições que nos estimule a prosseguir nessa incansável, sagaz luta. Nossos agradecimentos. O EDITOR

TRANSAS

ANIVERSARIOS

Elber A. Moraes; dia 01 de Janeiro de 1979.

Antônio V. de Araújo; dia 05 de Janeiro de 1979.

Sebastião Artur; dia 21 de Janeiro de 1979.

Antonio Jaldo N. Santos; dia 07 de Janeiro de 1979.

Osmar Monte; dia 09 de Jan/1979.

CASAMENTOS

O nosso redator Aldeir S. Luna, casar-se-á no dia 30 de Janeiro de 1979, com a jovem Vonilde L. da Silva, às 8h na Igreja Boni Jesus.

Lembramos aos nossos colunistas, o provável casamento de Paulo Reginaldo (Dudu), em fevereiro de 1979.

VESTIBULAR/APROVADOS

Ivaluar Jorge Freire - selecionado para Engenharia Florestal-UnB.

J. Murilo M. de Sousa - selecionado para Pedagogia - UnB.

ATENÇÃO...

Associação Casa do Maranhão estará realizando no dia 29 de janeiro próximo eleições, visando eleger nova diretoria. A entidade pede o comparecimento de toda colônia maranhense.

BARRA DO CORDA

Edésio G. Cordeiro

És como um vapor que a brisa espalha no alvorecer de uma manhã de sol. Tens jardins, rios, flores, águas tão limpas quanto a imaginação em forma de poesia.

Entre as águas que te enlaçam, estás... rósea, majestosa, uma merina-rosa sob a vigia dos pináculos das serras e colinas. E nos dias de sol, como é bom passear! Sítios, chácaras e fazendas, uma forma a optar.

Na hora derradeira, a luz frouxa do sol pende pouco a pouco procurando esconder-se do outro lado do monte; um espetáculo visual, das margens do Meaurin à confluência do Corda, um panorama sem precedente, como se fosse a Natureza toda se recolhendo ao descanso.

Quando olhamos sobre a cidade, nos impressionamos ao ver a harmonia dos lares que a mão do homem construiu para seu abrigo. É como se fosse um oásis no meio do verde, um pequeno mundo dentro do mundo, enfim, um pedacinho da terra.

Como um segredo, guardas mistério, não sei como, mas sei que sabes inspirar tua gente como a musa que faz o poeta cantar em poema ou canção.

No alto da serra, o Cruzeiro como se estivesse de guarda, mostrando luzes coloridas, é a arma da cristandade, a cruz como prenúncio do caminho de Deus.

Lembrar-me-ei de ti, de tudo que te faz bela. Amores, romances inesquecíveis, domingos de pic-nic, pinga, noites silenciosas, ruas largas e calmas, luar, serenata, namorada, turna, violão, canções, adolescência... SAUDADE.

FERREIRA GULLAR — "O Último Grande Poeta"

Ainda precoce, logo se tornou conhecido e admirado do público maranhense por seus feitos literários. Esse é o panorama que desfruta um dos maiores poetas brasileiros — Ferreira Gullar — nasceu em São Luís precisamente a 13 de setembro de 1930 e aos dezesseis anos de idade editava o seu primeiro livro — Um Pouco Acima do Chão — além de projetar-se ao passar dos anos, como ensaísta, jornalista e teatrológo.

José Ribamar Ferreira (Ferreira Gullar), ao publicar o seu primeiro livro confessava a uma certa Bizuza o sufoco emocional que estava forçosamente prendido devido a coletânea que deveria fazer para o seu livro de estreia e dizia: "Como escolher uns e outros deixar ao esquecimento das gavetas?" e concluía: "As poesias inseridas neste livro são crianças que saíram a passeio. Há, dentre elas, algumas que deveriam ter ficado em casa. Mas a culpa não é minha, Bizuza. Não pude ser severo com elas...doeu muito, Bizuza!"

Inconformado com o ambiente social-literário, foge à qualquer rotina e influências, lírico, resvala um suave tom filosófico. Define a poesia como a verdade que comove.

Seu último livro "Poema Sujo", apresentou uma proposta à poesia nacional, apresentando-a em modelos novos e fincando-a em bases reais e duradouras, enriquecendo deveras incontestavelmente, sendo merecedor de elogios dos maiores nomes da arte literária brasileira.

Desmente Gullar essa intenção, dizendo que não fez o Poema Sujo para modificar nada, e sim para sobreviver.

Otto Maria Carpeaux sensi-

bilizado com a vigorosidade do talento de Gullar, comenta: "Poema Sujo merecia ser chamado Poema Nacional, porque encerra as experiências, vitórias, derrotas e esperanças da vida do homem brasileiro", Vinicius de Moraes vai mais longe: "Gullar é o último grande poeta brasileiro".

Vitalizando, ou não, o processo criativo, suas poesias em Poema Sujo adquirem contornos nítidos ao atinar sobre os ângulos de uma cidade (São Luís), versando a anostrogen pormenorizada dos centros urbanos.

Me extravio/ na Rua da Estrela,
escorrego/no Beco do Precipício./
Me lavo no Ribeirão./ Mijo na fonte do Bispo./ Na Rua do Sol me cego,
/na Rua da Paz me revolto/ na do Comércio me nego/ mas na das Hortas floresço;/ na dos Prazeres soluço/
na da Palma me conheço/ na do Alecrim me perfumo/ na da Saúde adoço/
na do Desterro me encontro/ na da Alegria me perco/
Na Rua do Carne berro/ na Rua Direita erro/ e na da Aurora adormeço. (Poema Sujo - 1975) "....."

Adeus, Bizuza!

O que eu te disse, Bizuza!
O meu sonho mais sonhado,
meu desejo mais profundo,
já vai ser realizado:

—mandei fazer um navio
para dar a volta ao mundo!

Partindo de São Luís,
irei direitinho à França
(França pura de Flaubert
França linensa de Balzac)
Quero visitar a pátria
que da outra vez será minha.

Bizuza, se não tens medo,
se não vais sentir saudade,
eu te levarei comigo.

—meu barco está quase pronto!